

## Crônicas amazônicas e trocas indígenas: caminhos para uma Arqueologia documental do Médio Solimões nos séculos XVI e XVII

Rafael de Almeida Lopes\*

LOPES, R.A. Crônicas amazônicas e trocas indígenas: caminhos para uma Arqueologia documental do Médio Solimões nos séculos XVI e XVII. *R. Museu Arq. Etn.* 36: 161-176, 2021.

**Resumo:** O rio Solimões foi um dos principais caminhos por onde passaram os primeiros viajantes europeus que conheceram a Amazônia. Nos séculos XVI e XVII, expedições atravessaram esse rio junto a cronistas que, além das paisagens, descreveram as diversas e distintas populações indígenas que habitavam suas margens. O presente trabalho preliminar discute essas fontes históricas referentes ao médio curso do rio Solimões pela perspectiva da Arqueologia. Para realizar a discussão um breve histórico do uso dos primeiros relatos amazônicos pela arqueologia é feito. Em seguida, são apresentadas as principais fontes da época, seus contextos de produção e as problemáticas envolvidas em sua análise. Depois, são abordadas as descrições realizadas sobre os grupos indígenas do Médio Solimões no século XVI e XVII. Então, são elencadas análises possíveis das crônicas no levantamento de informações contextuais arqueológicas, sobre padrões de assentamento, práticas e produtos, e redes de trocas. Ao final são traçadas as potencialidades de uma arqueologia documental no tratamento dessas fontes para a pesquisa arqueológica e para a pesquisa histórica dessa região.

**Palavras-chave:** Arqueologia documental; Arqueologia amazônica; Tradição Policroma da Amazônia.

*Tienen en las barracas donde moran muy buen barro para todo género de basijas, y aprouechándose del, fabrican grandes olleras, en que labran tinajas, ollas, hornos en que cuezen sus harinas. Cazuelas, jarros, librillos y hasta sartenes bien formadas, teniendo todo esto preuenido para trato común con las demás Naciones, que obligadas de la necesidad que destes géneros pasan en sus tierras, vienen á hazer grandes cargazonas de ellos, recibiendo por paga las cosas de que ellos necesitan.*

(Acuña 1891: 30)

### Introdução

Como a arqueologia amazônica deve encarar os escritos dos primeiros cronistas europeus que passaram pela região?

A resposta para essa pergunta variou significativamente ao longo das últimas décadas. À vista dos primeiros arqueólogos que trabalharam na região, essas crônicas, que recontam desde aldeias gigantescas a grandes mulheres guerreiras, foram vistas como fantasiosas, fruto da imaginação exagerada dos conquistadores cristalizada na busca pelo El Dorado, a cidade feita de ouro (Meggers 2001). Entretanto, no decorrer das pesquisas e da descoberta de indícios de

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo. <rc.lopes4@gmail.com>

grandes e longevos assentamentos, as fontes etnohistóricas começaram a ser vistas de forma distinta (Heckenberger, Petersen & Neves 2001; Roosevelt 1993; Schaaf 2016). Em vez de descartá-las, arqueólogos buscaram comparar os relatos a seus contextos arqueológicos e às coleções artefatuais. O resultado, coerente em muitos casos, parece reforçar o quadro de uma Amazônia densamente povoada no passado, mas que, a partir da invasão europeia, começa a paulatinamente ser devastada por doenças e práticas genocidas, como a escravização e as expedições punitivas (Denevan 1992, 2016).

O interesse da arqueologia brasileira com as fontes escritas foi impulsionado pelo desenvolvimento da etnohistória amazônica, parte da “virada histórica” que teve John Monteiro e Manuela Carneiro da Cunha como expoentes (Cunha 1998; Fausto & Heckenberger 2007; Monteiro 1994). Dentro desse movimento, autores como Antônio Porro (1996), John Hemming (2009), Auxiliomar Ugarte (2009), Neil Whitehead (1993, 1994) e Mark Harris (2017, 2018) realizaram uma profunda submersão nas fontes para, desse modo, montar interessantes panoramas históricos regionais, baseados numa crítica cada vez mais sofisticada de relatos que titubeiam entre descrições detalhadas e estórias fabulosas.

O presente trabalho se propõe a dar continuidade à aproximação entre arqueologia e etnohistória na Amazônia ao esboçar caminhos e propostas de como as fontes etnohistóricas dos séculos XVI e XVII podem ser usadas em uma perspectiva contextual regional. O foco desse trabalho preliminar será a região do Médio Solimões, no atual estado do Amazonas. Para destrinchar as crônicas, primeiro será levantado um breve panorama da relação da arqueologia amazônica com as fontes coloniais desse período. Depois, serão discutidas as possibilidades e os potenciais de se fazer uma arqueologia documental com as fontes, estabelecendo seus contextos e limites. Então, apresentaremos em termos gerais as crônicas e as populações nelas descritas. Análises sobre os modos de vida desses grupos também serão elaboradas, tratando especificamente de padrões de assentamento, de algumas práticas

e produções, e das redes de troca e guerra em que estes grupos estavam envolvidos. Por fim, a discussão do artigo tratará dos potenciais da análise das fontes, esboçando comparações das descrições nas crônicas com o registro arqueológico do sítio São João para, então, traçar alguns possíveis caminhos para seguir.

### **A arqueologia amazônica e os primeiros “amazonautas”**

Os relatos dos primeiros viajantes da Amazônia ocupam um espaço nas narrativas sobre a história antiga da Amazônia desde as pesquisas de naturalistas do século XIX, quando se correlaciona a impressionante produção cerâmica da Amazônia Antiga com as descrições escritas (Rodrigues 1892). Essa conexão se daria num contexto de articulação entre o Estado brasileiro e seus intelectuais, com a construção de narrativas históricas que poderiam dar um conteúdo majestoso ao passado do país ao reencontrar uma grande civilização antiga a ser renovada no presente (Noelli & Ferreira 2007). Na primeira metade do século XX, as fontes escritas fazem parte dos estudos etnográficos e arqueológicos de Curt Nimuendajú, como em seus trabalhos sobre os Tapajós (Nimuendajú 1953) e em seu mapa etno-histórico (IBGE 1981), em que até figura nomes de povos atribuídos pelos cronistas.

A negação do conteúdo das crônicas e de sua utilização na arqueologia se inicia com as pesquisas de Betty Meggers (1971, 1979, 1992, 2001). Para Ribeiro (2009: 174), essa recusa se basearia na influência que o cientificismo e objetivismo da arqueologia norte-americana, na qual Meggers se formou, tiveram em suas concepções teórico-metodológicas, o que a afastaria do “subjetivismo” de evidências escritas como as crônicas. Por outro lado, a visão degeneracionista que Meggers impôs ao registro arqueológico amazônico a impediria de se alinhar com relatos de grandes populações e abundância produtiva (Noelli & Ferreira 2007). Esse permanente enfrentamento às fontes tornou-se, inclusive, uma ferramenta da crítica de Meggers a perspectivas que desafiaram seu modelo.

É dessa forma que nomeou seu artigo, em que polemiza com a nova geração de arqueólogos que desmontaram seu modelo, de “A contínua busca pelo El Dorado” (Meggers 2001).

Apesar de se voltar com maior interesse do que Meggers para as narrativas etnohistóricas dos séculos XVI e XVII, Lathrap não se ocupa demasiadamente desses escritos (Ribeiro 2009). No entanto, as crônicas, em especial os relatos sobre os povos Omágua, tornam-se evidência para a observação nos séculos XVI e XVII de um movimento de expansão Leste-Oeste capitaneado pelos Omágua (Lathrap 1970: 168-170). Essa movimentação é então utilizada para reforçar seu modelo cardíaco de ondas de expansão que saíram da Amazônia Central (Lathrap 1972).

Outra posição é tomada por autoras como Roosevelt (1991, 1992, 1993), que usam fartamente as descrições presentes nas crônicas. Embora se coloque explicitamente a favor da utilização das crônicas por arqueólogos, esse uso é feito de forma pouco crítica, tratando diretamente das descrições como dados e não as analisando em relação ao seu contexto de escrita e à sua possibilidade de descrição adequada (Ribeiro 2009). É desse uso que surgem os grandes cacicados modelados por Roosevelt, cujo conteúdo é marcadamente influenciado pela leitura literal das crônicas.

Avanços numa leitura mais crítica foram feitos nos anos 1990 e 2000. Destaca-se para esse período os estudos de Michael Heckenberger (2001, 2005), que buscou conciliar fontes etnohistóricas com o estudo etnoarqueológico e arqueológico. Embora por questões contextuais não utilize de forma mais densa as crônicas dos séculos XVI e XVII – suas pesquisas localizam-se no Alto Xingu, muito longe de onde passaram os primeiros viajantes europeus –, as análises de Heckenberger buscaram um olhar atento as continuidades presentes nas fontes que conectam ocupações antigas aos povos atuais do Alto Xingu. Heckenberger traça eixos de continuidade cercados por profundas transformações para entender o movimento histórico que permite conectar a História Antiga da Amazônia com o chamado presente etnográfico e, dessa forma, revela as arraigadas estruturas sociais formuladas

por esses povos que se renovam cotidianamente. Além disso, Heckenberger adiciona um outro elemento a discussão: a história oral indígena.

Na última década, outros arqueólogos vêm se debruçando de forma crítica sobre a riqueza contextual presente nas crônicas (Hornborg & Hill 2011; Moraes 2013; Neves 2012; Schaan 2010, 2016), interpelando-as com dados arqueológicos, embora seja ainda muito comum o uso das crônicas de forma expedita, para ilustrar argumentações.

### **Materiais e métodos: retomando as crônicas**

O alicerce filológico e historiográfico do presente trabalho de análise documental é a pesquisa etnohistórica da Amazônia, em especial dos autores que melhor se debruçaram sobre o rio Solimões: Antônio Porro (1996, 2007) e Auxiliomar Ugarte (2009). Com a leitura desses historiadores, é possível amenizar a tripla dificuldade da análise das crônicas: uma visão de um outro distinto de nós temporalmente, os europeus do século XVI e XVII, sobre povos distintos temporalmente de nós e radicalmente distintos em termos culturais daqueles que os observavam (Heckenberger 2001). Além disso, trata-se de encontros, na maior parte das vezes, rápidos e conflituosos, que geraram imagens impressionistas dos povos indígenas e que muitas vezes expressaram elementos que se tornaram centrais nas visões sobre a Amazônia ao longo do tempo (Barreto & Machado 2001; Ribeiro 2009).

A análise proposta teve como foco a materialidade contida nesses escritos, a partir de uma aproximação com a arqueologia documental<sup>1</sup> elaborada por autores como Brown (1988) e Beaudry (1988), que se atentam

1 O conceito de arqueologia documental foi elaborado inicialmente por Mary Beaudry (1988). Ele se refere à forma específica com a qual a arqueologia histórica aborda as fontes escritas. A prática envolve uma multiplicidade gigantesca de tipos de fontes, mas se caracteriza principalmente pela importância dada à materialidade e pela interconexão entre análise de texto, de relatos orais e de cultura material. Diferente do historiador, que usa o texto como fonte central, o arqueólogo documental vê as fontes escritas como um artefato específico entre outros inseridos em um determinado contexto (Wilkie 2006: 13-33).

a necessidade do entendimento do contexto de produção de uma determinada fonte e dos parâmetros formais pelas quais ela é escrita (Brown 1988), assim como pregam uma análise crítica das palavras e dos adjetivos pela qual a materialidade é evocada (Beaudry 1988). Essas podem ser vistas por suas variações espaciais ou temporais, podendo revelar transformações ou continuidades. A própria presença de certas palavras e certos modificadores explicitam elementos que chamaram a atenção dos autores. No caso das crônicas, a escolha dos termos é um fator essencial para se atentar, visto que os cronistas descrevem um mundo novo revelado por comparações (Ugarte 2009: 27), da qual a base material era o mundo ibérico e o recém-descoberto mundo andino. Para compreender o que os cronistas descrevem, é preciso entender a base material de suas descrições e, por isso, a análise arqueológica se ampara nos trabalhos historiográficos sobre essas fontes. O movimento, portanto, deve ser o de um engajamento crítico com as fontes que se abra a comparações não apenas arqueológicas, mas também antropológicas (Whitehead 1994) e que as submeta a análises de consistência interna e de confiabilidade externa (Ribeiro 2009: 182)

Como qualquer obra escrita, há uma relação entre os relatos e a realidade que observam, experimentam e recontam (Pesavento 2003). Se o conjunto dos relatos trata tanto sobre o imaginário europeu da época quanto sobre a materialidade da vida dos povos indígenas, ele, portanto, possui como base os contatos dos viajantes com essas comunidades. Um olhar crítico às crônicas e à historiografia feita sobre elas, apesar disso, pode ajudar na percepção de padrões significativos aos estudos arqueológicos no trabalho essencial de

construção de contextos. Através desse olhar, é possível perceber indícios sobre a materialidade e os modos de vida de grupos indígenas da região do Médio Solimões. Esses indícios ganham confiabilidade, pois as descrições dos contatos se aportam na exposição de lugares, pessoas, coisas e situações, havendo um contínuo esforço de detalhamento da materialidade e dos modos de vida dos grupos indígenas encontrados, e de contraste entre grupos distintos. Muitas dessas descrições inclusive têm o intuito de informar à Igreja e às Cortes Ibéricas do potencial religioso e econômico da Amazônia e orientar a política de conversão, conquista e expropriação dos territórios (Ugarte 2009).

Para navegar no banzeiro das fontes escritas, é preciso se segurar em alguns pressupostos. O maior deles trata-se do recorte espacial realizado por Antônio Porro (1996), que produziu um mapa a partir de uma leitura crítica das crônicas, localizando territorialmente os povos descritos pelos cronistas. Nesse quadro, o Médio Solimões (Fig. 1) é associado à província de Machifaro pelos cronistas do século XVI e aos povos conhecidos por Aisuari, Curuzirari ou Carapuna no século XVII. Outro ponto importante é que, entre os próprios cronistas, há diferentes níveis de confiabilidade dos relatos e de detalhamento das informações produzidas sobre a materialidade indígena. A prática da análise arqueológica documental se baseou num inventário ainda assistemático dos momentos das crônicas, no qual se descreve aspectos dos grupos indígenas do Médio Solimões em função de três recortes materiais relevantes para a arqueologia: padrões de assentamento; práticas e produções; e relações de troca e guerra entre grupos.



**Fig. 1:** Área do Médio Solimões, próximo da área definida por Porro (1996) como território da Província de Machifaro em 1550 e dos Aisuari em 1650, com sítio São João demarcado. As aldeias desses povos se encontrariam nas margens do rio Solimões.

Fonte: Google Earth.

Cronista	Período da expedição	Nomeação dos indígenas do Médio Solimões
Nunes	1538	Machiparo
Carvajal	1542	Machifaro
Altamirano		
Almesto	1560	Machifaro
Vazquez		
Acuña	1637-39	Curuzirari (Acuña e Teixeira) e Carapuna (Heriarte)
Teixeira		
Heriarte		
Fritz	1691	Aisuari

**Tabela 1:** Expedições e alguns dos cronistas que passaram pelo Médio Solimões.

Fonte: elaborado pelo autor, 2019.

### Resultados: os povos indígenas do Médio Solimões sob o olhar dos cronistas

Ao tratar dos padrões de assentamento, é importante apresentar os dados inequívocos entre os cronistas sobre as dimensões gigantescas das aldeias do Médio Solimões. Apesar de configurarem como parte constante das narrativas, há um peso relativo maior nas descrições de tamanhos de aldeias quando os cronistas chegam ao Médio Solimões. É nessa região que Carvajal em 1542 define o tamanho das aldeias com termos superlativos, ao relatar que haveria 50 mil guerreiros na província e,

em seguida, dizer: “Não havia de uma aldeia a outra um tiro de balestra [...] e houve aldeia que durou cinco léguas sem intervalo de uma casa a outra” (Carvajal *apud* Porro 1996). No século seguinte, esse contexto se mantém e é ressaltado por Teixeira e Acuña; o primeiro chega a comentar que “en trezentas léguas de camino se puede decir, es solamente um pueblo [...]” (Teixeira *apud* Ugarte 2009: 444) e o segundo escreve que não se passava quatro horas descendo o rio sem topar com mais uma aldeia (Acuña 1891: 129). Descrições de aldeias monumentais se repetiriam também rio abaixo, como na região de Manaus e Santarém

(Porro 1996). Os cronistas em geral situam essas aldeias nas altas barrancas (terraços) do rio Solimões, onde já foram identificados diversos sítios arqueológicos da região e que, até hoje, figuram como lugares escolhidos para muitas comunidades ribeirinhas (Belletti 2015; Costa 2012; Lopes 2018; Tamanaha 2012). Esses dados demográficos já foram vistos como inverossímeis, mas atualmente as pesquisas arqueológicas nos levam cada vez mais a concordar com os registros escritos (Heckenberger, Petersen & Neves 1999). Admitindo, junto a Porro (2007: 60), que as aldeias descritas poderiam ter milhares de habitantes, não estaríamos longe, por exemplo, das estimativas de Heckenberger e colaboradores (2003: 1711) para assentamentos no Alto Xingu, que teriam entre 2.500 e 5.000 habitantes.

Quanto a práticas e suas produções, os cronistas deixam claro o estado de abundância em que viviam os indígenas. A abundância alimentar e a diversificação produtiva dos grupos do Médio Solimões são onipresentes nesses relatos seja ela de plantas cultiváveis, em especial o milho (*Zea mays*) e a mandioca brava (*Manihot esculenta*), seja ela de peixes e animais aquáticos, como peixes-boi (*Trichechus inunguis*) e tartarugas-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*). Esses últimos aparecem em diversas crônicas, como a de Acuña, como animais especiais, os quais eram mantidos às centenas em cercados e usados como alimento (a partir de sua carne e ovos) e para a produção de lâminas de machados com seus plastrões (Acuña 1891). Alguns desses relatos são mais bem detalhados, como o de Vázquez, que descreve a produção e armazenamento de uma bebida alcóolica, que ele chamou de vinho, pelo poder embriagador e pela cor vermelho clara:

*Hay un género de vino que los indios beben, confeccionado con muchas cosas. Ponen los indios a madurar en tinajas [trilhas cerâmicas] grandes, algunas de veinte arrobas y más, una manera de mazamorra [mingau] espesa, y en estas tinajas hierva [fermenta] a manera de vino de España, hasta que está hecho: entonces lo sacan y cuelan, echandolo alguna agua y beben dello. Es tan fuerte, que emborracha si no templan con agua harta. Tenían los indios en*

*este pueblo grandes bodegas [adegas] dello, y los españoles y negros del campo se lo bebieron en pocos días. Todo es sabroso, y la color de vino a loque [tinto claro] (Vázquez 1881: 62).*

Nesse trecho, Vázquez cita até as vasilhas cerâmicas utilizadas para a produção do fermentado, usando o nome “trilha” para evocar uma morfologia conhecida aos espanhóis e estimando seu volume em arrobas. Ao citar a cor roxa do vinho, acredito que Vázquez poderia estar descrevendo um fermentado feito de açaí ou possivelmente de outra palmeira, prática até hoje comum na região (informação verbal)<sup>2</sup>.

Nas crônicas, os povos indígenas do Médio Solimões se sobressaem no estabelecimento de redes de troca. Os cronistas apresentam a materialidade dessas redes; Diogo Nunes relata a presença de casas para estocar peixe seco que os indígenas de Machifaro “levam a vender pelo sertão e têm sua contratação com outros índios; e vão os caminhos muito abertos, de muito seguidos, porque corre muita gente por ele” (Nunes *apud* Porro 1996: 51). A existência dos caminhos é reafirmada por Altamirano (Porro 1996). Tais caminhos, ora desacreditados, parecem plenamente possíveis hoje, após a descoberta de verdadeiras estradas em lugares como Acre (Saunaluoma *et al.* 2020; Schaan 2016) e Alto Xingu (Heckenberger *et al.* 2003).

Outras descrições sobre como seriam essas rotas precisam ser mais bem avaliadas. Carvajal, por exemplo, cita que seus informantes contaram que haveria entrepostos ao longo dos caminhos, grandes casas circundadas por roçados. Como coloca Ugarte (2009), os momentos em que os cronistas citam informantes são aqueles nos quais mais proliferam descrições fantasiosas. Essas descrições, segundo o autor, se originariam de traduções muito incompletas das narrativas de indígenas com os quais os expedicionários tinham contato. Dessa forma, em termos dos relatos nas crônicas, é muito mais confiável aquilo que os cronistas viram do que o que escutaram de outros. Essa possível imprecisão do relato pode ser questionada a partir de pesquisas recentes,

2 Informação compartilhada por Laura Furquim para o autor do artigo.

que vêm indicando justamente a complexidade de sítios interconectados por redes de caminhos (Heckenberger *et al.* 2003; Saunaluoma *et al.* 2020). O registro arqueológico fortalece as descrições de informantes como essa e permite que, ao analisar um conjunto de fontes, seja possível aferir maior ou menor confiabilidade. Assim, podemos nos debruçar com mais confiança na crônica de Vázquez, na qual é averiguada a presença de “*uños dos pueblozuelos*” encontrados por Sancho Pizarro após dois dias de caminhada pelas estradas da aldeia da província de Machifaro em que aportaram (Vázquez 1881: 45). As estradas conectariam aldeias da beira do Solimões com assentamentos distantes desse rio, o que, no Médio Solimões, poderia significar ao longo de seus lagos.

Após falar dos caminhos, Altamirano descreve aqueles que os percorriam:

*mercadores e viajantes que iam e vinham das províncias de terra à dentro a comerciar com os das províncias de Machifaro e outras suas vizinhas, e o comércio era de cerâmica e peixe, que o havia muito bom na província de Machifaro, por lâminas e enfeites de ouro e outras coisas de estimação da terra* (Altamirano *apud* Porro 1996: 81).

Acuña também é um que menciona mais proeminentemente o uso de adornos de ouro entre os Aisuari (Acuña 1891: 129). Tais pulseiras viriam, segundo Acuña, de comércio com os Managus, mais conhecidos como Manaós ou Manaus<sup>3</sup>. O interessante é

<sup>3</sup> O ouro, matéria que os europeus cobiçavam com fervor, é relatado em diversas crônicas que retratam a região, como a de Carvajal (1894), Vázquez (1881), Acuña (1891) e Fritz (1917). Nota-se que esses relatos sempre envolvem pequenos brincos, pulseiras ou narigueiras de ouro, muito longe da opulência dourada dos Incas de Cuzco. Materiais de ouro ainda não foram encontrados em sítios arqueológicos da região, mas sua reiterada presença nas crônicas assim como seu perene valor comercial sugerem que esses relatos seriam verdadeiros. No entanto, os artefatos seriam extremamente raros, provindos de redes de troca de longa distância, como aquelas responsáveis por levar objetos de ouro ao nordeste argentino (Bonomo, Capdepon & Matarrese 2009). Hemming (2009: 61) atribui a outra ponta dessa rede de troca aos Muisca e Tairona do norte dos Andes.

notar uma proeminência dentro dessas redes do transporte terrestre.

A cerâmica encontrada pelos cronistas no Solimões, também sujeita a trocas, pode ser associada de forma clara à Tradição Policroma da Amazônia (TPA)<sup>4</sup>, em razão da cronologia e a área de dispersão dessa Tradição, datada na região ao redor do século XVI (Belletti 2015), assim como das características descritas pelos cronistas<sup>5</sup>. As vasilhas tinham um papel importante nessas redes de troca. Acuña reitera a importância da cerâmica produzida para “trato comum com las demas Naciones, que obligadas de la necesidad que destos *géneros pasan en sus tierras, vienen a hazer grandes cargazonas de ellos, recibiendo por paga las cosas de que ellos necesitan*” (Acuña 1891: 130). Fritz (1917: 377) reitera que os Aisuari comerciavam com os Manaós à norte ao trocarem suas produções, das quais ele menciona apenas as vasilhas e cujas cerâmicas “que suas mulheres pintam vistosamente” por pequenas lâminas de ouro, urucu, raladores de mandioca, redes de miriti, cestaria e tapeçaria.

<sup>4</sup> A Tradição Policroma da Amazônia é um conjunto artefactual cerâmico caracterizado pela presença de pintura vermelha, marrom e preta sobre uma camada de engobo branco, além de decorações acanaladas e vasilhas especiais, como vasos de flange mesial e urnas antropomorfas. Visualmente sua iconografia é marcada por figuras antropomorfas e ofideomorfas. A Tradição Policroma se dispersou por quase todos os grandes rios do oeste amazônico e da Amazônia Central com um momento mais marcado de dispersão ao redor de 1000 AP. É o último conjunto artefactual de grande dispersão nessa região. (Belletti 2015; Lathrap 1970; Meggers & Evans 1957, 2013; Moraes 2013; Neves 2012). No Médio Solimões, sua cronologia varia de 500-1600 d.C. (Belletti 2015; Lopes 2018).

<sup>5</sup> Diz Carvajal: “loza de la mejor que se ha visto en el mundo, porque la de Málaga no se iguala com ella, porque es toda vidriada y esmaltada de todas colores y tan vivas que espantan, y demás desto los dibujos y pinturas que en ellas hacen son tan compassados que naturalmente labran y dibujan todo como lo romano” (Carvajal 1894). Essa descrição, feita durante uma passagem por uma aldeia do baixo Solimões, se alinha com dois aspectos diagnósticos da cerâmica Policroma: (1) o efeito esmaltado adquirido em especial pelo engobo branco aplicado a cerâmica; (2) a policromia que justamente denomina essa produção cerâmica; e (3) o uso dessas cores na produção de desenhos altamente complexos na superfície cerâmica.

Cronista	Período	Grupo com quem Machifaro/Aisuari trocam	Produtos recebidos	Produtos levados
Nunes	Primeira metade do sec. XVI	Grupos do interior ou sertão	Não especificado	Peixe seco
Carvajal	Primeira metade do sec. XVI	Grupos do interior ou sertão	Não especificado	Não especificado
Altamirano	Meados do Sec. XVI	Mercadores e viajantes das províncias de terra a dentro	Lâminas e enfeites de ouro e outras coisas de estimação da terra	Cerâmica e peixes
Acunã	Primeira metade do sec. XVII	Diversos/Manaós	Adornos de ouro	Cerâmica (tralhas, panelas, jarros, bacias e frigideiras)
Fritz	Segunda metade do sec. XVII	Manaós	Adornos de ouro, urucu, raladores de mandioca, redes de miriti, cestaria e tapeçaria.	Vasilhas e cuias cerâmicas pintadas

**Tabela 2:** Redes de trocas nos quais os grupos do Médio Solimões estavam envolvidos e seus produtos.

**Fonte:** elaborado pelo autor, 2019.

Na Tabela 2, os dados sobre trocas foram compilados para um melhor entendimento das relações entre produtos e agentes dentro dessas redes. Como podemos ver, a produção cerâmica e a pesca de certos peixes figuram como os produtos mais importantes da região, a serem trocados por uma miríade de outros produtos, entre os quais, adornos de ouro. Essa rede de trocas também iria muito além do rio Solimões, chegando até aos Manaós, interlocutores em diversas redes de longa distância no Norte amazônico (Porro 1996). A tabela também aponta para a importância das redes de troca para o interior, através de estradas terrestres possivelmente relacionadas às comunidades dos lagos ao redor do Médio Solimões ou aos povos de regiões interfluviais. Por fim, é preciso lembrar que o funcionamento dessas redes era provavelmente muito mais complexo do que os cronistas poderiam conceber, com o termo troca podendo conter uma infinidade de relações ameríndias.

A magnitude das redes de troca do Médio Solimões seiscentista e setecentista *não excluía as relações conflituosas entre grupos*. Nelas haveria redes de aliança e inimizades. Carvajal chega a relatar uma aliança entre a província de Machifaro e a

de Omega, rio abaixo, para “dar guerra a outros senhores que estão pela terra adentro, os quais vêm diariamente a expulsá-los de suas casas” (Carvajal *apud* Porro 1996: 84).

Por outro lado, as guerras rio acima contra os povos Maricuri e *Omáguá* são também notórias (Moraes 2013; Carvajal *apud* Porro 1996; Vázquez 1881). O chefe da aldeia mais ocidental de Machifaro chega a pedir uma aliança com a expedição de Pedro de Orsúa para expulsar os Maricuri que desciam o rio para atacar a aldeia e fazer cativos (Vázquez 1881: 28). Além dos números hiperbólicos da quantidade de guerreiros, as crônicas relatam inúmeros instrumentos de guerra, desde lançadores de dardos a porretes, armaduras e escudos feitos de couro de animais, até flautas e tambores usados para batalha (Vázquez 1881: 25; Hemming 2009: 33). Carvajal chega a descrever a existência de aldeias fortificadas com paliçadas em Machifaro (Hemming 2009: 33), mas por ser ele o único a descrevê-lo, seu relato se torna menos confiável. É preciso mencionar, no entanto, que um contexto arqueológico de paliçada, vestígio de difícil percepção, já foi encontrado na área de confluência Solimões-Negro, associado a uma



ocupação mais antiga, justamente de inimigos dos produtores da Tradição Policroma (Neves 2012; Tamanaha 2012).

## Discussão

Todos esses dados levantados demonstram certa efervescência cultural das comunidades do Médio Solimões nos séculos XVI e XVII, ao contrário da visão que apontaria para uma decadência radical desses povos (Lightfoot, 1995; Silliman 2012). Pelas crônicas, entretanto, é possível perceber um momento de virada que leva ao acirramento do processo colonizador. Trata-se da expedição de Pedro Teixeira, de 1637 a 1639, que conquista o rio Solimões em nome da coroa portuguesa. A partir dessa viagem, na qual além de Teixeira, Heriarte, e Acuña, havia centenas de soldados portugueses e milhares de indígenas, se multiplicam as epidemias, as reduções missionárias e as expedições escravistas e punitivas. É nesse contexto que, na segunda metade do século XVII, o padre Fritz descreverá o processo intenso de transformação e desarticulação de comunidades indígenas (Ugarte 2009). Não à toa pertence a esse século as cerâmicas mais tardias já datadas para a TPA na região (Tamanaha 2012), embora o padre Tastevin retome relatos sobre essa produção na cidade de Tefé no século XX<sup>6</sup> (Tastevin *apud* Lévi-Strauss 2010: 367).

O que mais se destaca nas fontes é a riqueza e a diversidade material e produtiva assinalada pelos cronistas, que vão desde as armas feitas com partes de animais portadas pelos indígenas do Médio Solimões até os cercados que construíam para manter as tartarugas. Essa diversidade passa pela produção cerâmica, denotada especialmente por Acuña ao descrevê-la em termos morfológicos.

6 “Ela pegou argila branca e cobriu os potes com uma camada uniforme. Depois, com terra amarela, terra marrom e urucum [*Bixa orellana*], traçou bonitos desenhos, muito variados, e disse à moça: ‘existem duas espécies de pintura, a pintura índia e a pintura das flores. Chama-se de pintura índia a que desenha a cabeça do lagarto, o caminho da Cobra Grande, o galho de pimenta, o peito de Boyusu, a cobra arco-íris etc., e a outra é a que consiste em pintar flores” (Tastevin *apud* Lévi-Strauss 2010: 367).

Ela passa também pela diversidade alimentícia dessas comunidades, tanto de seu consumo de peixes e tartarugas, quanto do papel do milho e mandioca<sup>7</sup>, assim como pela diversidade de frutas<sup>8</sup>, como graviola, abiu roxo, cajá e cacau. Essa diversidade agrobiológica, separada totalmente pelos cronistas da diversidade sociocultural (Ugarte 2009), é hoje entendida pela arqueologia amazônica como fruto de um processo cuja ação antrópica é determinante (Clement *et al.* 2015). O sentido desse processo, a fabricação indígena da abundância produtiva descentralizada e hiperdiversa, representaria a base material para a diversificação cultural e social da Amazônia também identificada nas crônicas (Neves & Heckenberger 2019). Dessa forma, os cronistas dos séculos XVI e XVII no Médio Solimões descrevem os últimos regimes de abundância em larga escala da região, que seriam em seguida substituídos pelos regimes de escassez (ou de abundância hipercentralizada) impostos pelos colonizadores.

As crônicas desses dois séculos apontam para uma riqueza contextual que pode e deve ser absorvida pela arqueologia da região. Para exemplificar, podemos destacar o sítio São João (Fig. 2A, Fig. 2B e Fig. 2C), objeto de estudo do mestrado do autor (Lopes 2018). Trata-se de um sítio localizado num terraço, ou barranca, próximo da boca do lago Caiambé. O sítio possui cerca de 900 m de comprimento ao longo do rio e uma alta densidade de refinada cerâmica associada à Tradição Policroma. Sua extensão, marcada por uma camada de 50 cm das Terras Pretas de Índio – um solo antropogênico –, reforça por si só as descrições

7 Aqui podemos citar uma diferença marcante entre as descrições de Vázquez e Acuña, nas quais milho e mandioca aparecem fartamente como plantas importantes para comer e, especialmente, para beber em forma de cerveja, e as descrições de Fritz, na qual a mandioca predominaria. Essa percepção pode se coadunar à uma interpretação que vem ganhando peso de que a mandioca ganharia maior relevância entre os indígenas após a chegada dos europeus (Fausto & Neves 2018: 1609).

8 Aqui, no entanto, é preciso cautela na interpretação, pois a diversidade de frutas amazônicas nem sempre era nomeada ou interpretada da forma que o fazemos hoje, embora seus nomes sejam os mesmos.

dos cronistas sobre longas aldeias costeadas pelo rio Solimões, ainda mais quando se concebe os séculos de erosões causados pela corrente do rio Solimões. A cerâmica Policroma encontrada no sítio São João apresentou uma diversidade morfológica condizente com aquela descrita por Acuña e Fritz, com 16 formas identificadas (Lopes 2018). Embora nenhuma dessas formas se assemelhe àquela descrita por Vázquez como tendo 20 arrobas, as fontes escritas indicam usos interessantes para as vasilhas, desde o cozimento de ovos de tartaruga até a confecção de fermentados diversos – além dos tradicionais, feitos de milho e mandioca – e a produção voltada para a troca. Essa última pode conformar de forma significativa o sítio São João, marcado pela diversidade estilística (Lopes 2018).

No registro arqueobotânico, diversas sementes de milho (*Zea mays*) foram encontradas, junto a uma alta diversidade de vestígios de outras plantas, em especial, de palmeiras (Cassino 2018). Embora as poucas datas do sítio variem entre os séculos X e XV d.C., não seria um exagero pensar que no século seguinte esse sítio poderia representar os fundos de uma das muitas aldeias vistas pelos cronistas que passaram pelo rio Solimões. Analisando atentamente a descrição feita por Vázquez de sua alimentação famélica durante a estadia na província de Machifaro, podemos aprofundar a comparação com o registro arqueológico do sítio São João:

*En este tiempo pasamos gran hambre, porque no hallamos en este asiento más de la yuca brava [mandioca brava] de las sementeras, y para se poder comer, se habia de hacer cacauí [aquí se refere a bebida fermentada de cacau], y para lo hacer, habia muy poco servicio, que casi todo se nos habia muerto, y las sementeras estaban lejos; íbase por la yuca en canoas, y atravesábase el rio por allí, que tiene una legua de ancho, en que se trabajaba mucho: en pesquerías no se podía tomar ningún pescado, y nuestro principal mantenimiento fueron frutas del monte [floresta], que allí hallamos, como eran hobos [cajás] y carmitos [abius roxos], y chatos [fruta não identificada] y guanábanas [graviolas], y otras frutas de diversos géneros (Vázquez 1881: 48; grifo nosso).*

Em uma breve passagem com citações de gêneros alimentícios, Vázquez menciona outras três plantas identificadas no registro arqueobotânico do sítio São João: mandioca (*Manihot esculenta*), cacau (*Theobroma cacao*) e taperebá (*Spondias mombin*) (Cassino 2018; Lopes 2018). A menção à graviola (*Annona muricata*) ou a uma fruta similar nas crônicas incita a revisão da identificação de sementes da família *Annonaceae* encontradas no sítio, mas que não puderam inicialmente ter a espécie indicada. A presença de *cacauí* sugere a busca por esses resíduos em cerâmicas com marcas de fermentação comuns no sítio (Lopes 2018). Nesse sentido, a análise contextual não busca vincular diretamente passagens de um relato específico a um sítio arqueológico específico, mas explorar as conexões que podem ser levantadas a partir da leitura sistemática das fontes escritas.

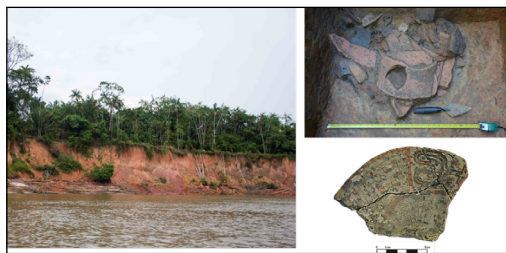


Fig. 2A: Vista do sítio São João. Fig. 2B e Fig. 2C: Material cerâmico lá encontrado. Fonte: fotos do autor, 2016.

Para a análise contextual aplicada à arqueologia regional, o registro arqueológico do Médio Solimões pode dar sustentação para as avaliações feitas pelos cronistas. As fontes escritas, por sua vez, alargam contextualmente suas possibilidades interpretativas e potencializam a imaginação arqueológica (Shanks 2016) para sua compreensão. O cruzamento entre fontes dá maior peso a algumas impressões dos cronistas, enquanto também sinalizam para a necessidade de pensar esse local como parte de grandes redes de troca presentes antes, durante e depois do contato. Ele também nos leva a associar o preparo de plantas específicas junto a vasilhas específicas, como para a produção de fermentados que

vão além das cervejas de milho ou mandioca. Além disso, ele aponta para uma profundidade temporal das impressões feitas pelos cronistas, desde a importância econômica da cerâmica até o cultivo de plantas como o milho. Nesse sentido, a arqueologia pode estabelecer a história desses padrões observados por cronistas e indicar até que, se estes tivessem passado pelo rio Solimões alguns séculos antes, poderiam ter encontrado uma paisagem cultural muito distinta (Lopes 2018).

As fontes também nos levantam novas questões. A mais intrigante delas envolve os dados sobre redes de troca que apontam para uma produção cerâmica concentrada entre os grupos do Médio Solimões e voltada para a troca com outros coletivos que, como coloca Acuña (1891), teriam necessidade dela. Embora seja difícil pensar numa supressão total da produção cerâmica por outros grupos, é interessante considerar que essa região pode ter sido um centro reconhecido regionalmente por sua cerâmica de alta qualidade, objetos cujo acesso era almejado. Tal produção em larga escala de cerâmicas da Tradição Policroma para troca pode se tornar um indício para repensar a tecnologia e seu lugar dentro da organização social destes grupos.

O panorama arqueológico do Médio Solimões mostra que essa região abrigou, em um período anterior, possíveis redes de troca entre grupos produtores de cerâmicas distintas, entre eles os produtores de cerâmica da TPA (Belletti 2015; Gomes 2015; Lopes 2018) que parecem se alterar. Dessa sequência, foi planteada recentemente a hipótese de uma transformação histórica das ocupações de produtores da Tradição Policroma no Médio Solimões ao redor do século XII d.C., demarcando um primeiro período (séc. V-XII) de produção simultânea de cerâmicas Policromas com outras produções em um intenso fluxo tecnoestilístico entre produções, e um segundo período (séc. XII-XVII), no qual apenas a produção cerâmica Policroma predomina. Essa hipótese está atrelada também a uma transformação nos padrões de assentamento, de sítios grandes ao longo dos lagos da região para sítios voltados ao curso principal do Solimões (Lopes 2018).

As informações das crônicas podem dar sentido a algo identificado arqueologicamente: a manutenção de uma alta diversidade estilística mascarada sob o repertório estilístico associado à TPA. Essa diversidade pode ser fruto da manutenção de redes de trocas que envolvem as cerâmicas, como as apresentadas nas crônicas, mas que, no primeiro período, eram perceptíveis no registro arqueológico como produções cerâmicas distintas com repertórios característicos. Esse eixo de continuidade pode indicar que as transformações ocorridas nas ocupações Policromas ao redor do século XII não foram tão disruptivas, indício que deve ser melhor investigado. Por outro lado, as descrições sobre aldeias colossais na beira do Solimões e pouco numerosas para além dela reforça a centralidade desses locais nesse segundo período.

Em contrapartida, o papel atribuído à guerra nas crônicas pode indicar um eixo de ruptura. A presença de conflitos ao longo do rio sugere redes de aliança e de inimizades na região que não necessariamente estariam presentes em toda sua sequência histórica. Essas mesmas redes, associadas por cronistas a grandes chefes, nos impelem a debater a organização social desses grupos. Nesse sentido, é preciso entender se aquilo que os cronistas descrevem representariam estruturas hierárquicas indígenas ou se estariam mais próximas das concepções europeias do poder aplicadas aos povos encontrados, questões que estão sendo debatidas já em outras regiões amazônicas (Harris 2018) e que devem ser aprofundadas no Médio Solimões com o desenrolar das pesquisas.

## Conclusão

O desenvolvimento da arqueologia amazônica permitiu uma volta mais confiante às fontes etnohistóricas. Munidos de dados mais robustos, podemos criticar os relatos escritos e, inclusive, aceitar impressões registradas pelos cronistas. Mais do que validar ou não informações específicas, as crônicas são interessantes como dado contextual, como um elemento que se combina a outros para

pensar criticamente semelhanças e diferenças, matéria-prima para interpretações arqueológicas (Hodder 1987).

Para essa arqueologia documental do Solimões, que combina fontes para melhor compreender a história indígena regional antes e depois da chegada dos invasores europeus, alguns caminhos podem ser traçados. Em termos gerais é preciso: (1) um maior investimento teórico sobre a arqueologia documental, que deve se traduzir numa análise sistemática das fontes em seus textos originais; (2) uma sistematização dos dados documentais realizada de forma multiescalar para auxiliar adequadamente na interpretação tanto do registro arqueológico e de seus conjuntos artefatuais, quanto de outros aspectos, como as redes de troca e a organização sociopolítica; (3) ampliar o foco de análise para além das continuidades entre as fontes, identificando também as transformações entre períodos que podem dar conta, por exemplo, da mudança dos nomes dos povos; e (4) entender a tensão entre mudança e continuidade presentes nesses dois séculos, alicerce para construir uma arqueologia do período colonial do ponto de vista da história indígena de longa duração, compreendendo as estratégias indígenas para lidar com esses novos e perigosos contextos sociais aos quais os indígenas foram inseridos (Silliman 2012).

Partindo do geral para o específico, é necessário que, no nível do sítio, arqueológico possam ser realizadas comparações das mais diversas formas entre os materiais descritos nas fontes e aqueles coletados em escavações. O mapeamento dos sítios na margem principal do Solimões pode medir a validade das descrições, assim como a investigação do formato desses sítios pode ser auxiliada pelos relatos presentes nas crônicas. O quanto essas descrições podem nos ajudar a entender questões espaciais, como formato e tamanho de aldeia? O Médio Solimões de fato teria aldeias maiores do que outras regiões próximas?

As análises cerâmicas podem dar conta da diversidade morfológica descrita nas páginas das crônicas, enquanto estas podem apontar os modos pelos quais essa cerâmica transitou entre aldeias. As análises zooarqueológicas e

de isótopos estáveis podem indicar a presença e importância relativa dos quelônios, assim como podem aferir usos possíveis descritos pelos textos. Já a pesquisa arqueobotânica, em suas análises de macro e microvestígios, tem o potencial de investigar os breves inventários florísticos realizados pelos cronistas, assim como suas descrições de usos de plantas possibilitam uma amplificação da interpretação dos dados obtidos em campo. De que forma as descrições aparecem no registro arqueológico? Como trabalhar com os dados de redes de troca?

Para a arqueologia regional, esse tipo de comparação feita numa escala aproximada pode ter seus significados ampliados. Isso porque, entre outros movimentos, permite aferir a historicidade de certas práticas e relacioná-las com as ocupações conhecidas para a região. A compreensão diacrônica das diversas práticas delineadas nas fontes escritas pode demarcar continuidades entre ocupações do primeiro período e do segundo período, ou evidenciar rupturas entre eles.

As fontes também podem informar nossa imaginação para interpretar a dispersão regional de materiais arqueológicos. É esse o caso das informações sobre redes de troca nas quais a produção cerâmica tem um papel predominante. Elas nos fazem questionar: como a produção da cerâmica Policroma circularia? Como, em um período no qual essa produção predomina, ela poderia, de certa forma, mascarar a diversidade social da região? Poderia a presença de redes de troca envolvendo a cerâmica Policroma formar o registro arqueológico, de forma a ampliar a dispersão dessa produção sem que isso necessariamente signifique produção local e ocupação por produtores dessa cerâmica?

Na escala da história indígena de longa duração do Médio Solimões, o ponto de vista da história indígena colonial pode ser assumido. Assim, será possível investigar quais as transformações acarretadas pelas relações travadas entre indígenas e europeus ao longo desses séculos, e quais as continuidades que persistiram em meio a uma dominação europeia cada vez mais destrutiva. A expedição de Pedro Teixeira entre 1637 e 1639 parece marcar uma

virada no aprofundamento da colonização do rio Solimões; no entanto, quais seriam os significados desse aprofundamento nas aldeias na beira do Solimões e nas ocupações conectadas a estas por estradas? Podemos falar em período colonial nessa região antes do século XVII? Quais os impactos das primeiras expedições para o Médio Solimões?

Esses questionamentos animam os caminhos por seguir, e, convencido a segui-los, reafirmo que uma arqueologia como história indígena de longa duração deve se propor a lidar com as continuidades e transformações dentro de conjunturas de contatos, trocas e conflitos não apenas antes da chegada dos europeus, mas também depois dela.

LOPES, R.A. Amazonian Chronicles and Indigenous exchanges: paths to a Documental Archaeology of the Sixteenth and seventeenth centuries in the Middle Solimões region (AM-Brazil) . R. *Museu Arq. Etn.*, 36: 161-176, 2021.

**Abstract:** The Solimões River was one of the main pathways through where the first European travelers passed to experience the Amazon for the first time. In the sixteenth and seventeenth centuries, expeditions crossed the river along with chroniclers that described the abundant landscape and the diverse and distinct indigenous populations that inhabited its margins. This paper discusses these historical sources regarding the middle course of the Solimões River through the often-overlooked perspective of archaeology. To promote this discussion, a brief overview of the usage of the first Amazonian chronicles will be made, followed by the presentation of the main sources of the period and area and their production contexts, along with the problematic regarding their analysis. Then, exploratory analysis of the chronicles will be brought forward compared to descriptions of settlement patterns, practices and products, and exchange networks present in the sources. Finally, the potential for archaeological and historical research in the area by a documental Archeology will be drafted.

**Keywords:** Documental archaeology; Amazonian archeology; Amazonian Polychrome tradition.

### Referências bibliográficas

- Acuña, C. 1891 [1641]. *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas por el p. Christoval de Acuña*. Impresa por Juan Cayetano García, Madrid.
- Barreto, C.; Machado, J. 2001. Exploring the Amazon, explaining the unknown: Views from the past. In: McEwan, C; Barreto, C.; Neves, E. (Eds.). *Unknown Amazon: Culture in nature in ancient Brazil*. British Museum Press, London, 232-251.
- Belletti, J. 2015. A arqueologia do lago Tefé e a expansão policroma. Dissertação de mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Beaudry, M.C. 1988. Words for things: linguistic analysis of probate inventories. In: Beaudry, M.C. (Ed.). *Documentary Archaeology in the New World*. Cambridge University Press, Cambridge, 43-50.
- Bonomo, M.; Capdepon, I.; Matarrese, A. 2009. Alcances en el estudio de colecciones. Los materiales arqueológicos del Delta del río Paraná depositados en el Museo de La Plata (Argentina). *Revista de Arqueología Sudamericana* 5(1): 68-101.
- Brown, M.R. 1988. The behavioural context of probate inventories: An example from Plymouth Colony. In: Beaudry, M.C. (Ed.). *Documentary*

- Archaeology in the New World. Cambridge University Press, Cambridge, 79-82.
- Carvajal, G. 1894 [1542]. *Descubrimiento del río de las Amazonas*. E. Rasco, Sevilla.
- Cassino, M.F. 2018. *Relatório técnico final das atividades de bolsa: Manejo e uso de recursos florísticos em períodos pré-coloniais na Amazônia: um estudo de caso na RDS Amanã*. CNPq 300056/2017-6, Tefé.
- Clement, C.R. et al. 2015. The domestication of Amazonia before European conquest. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences* 282(1812): 20150813.
- Costa, B. 2012. Levantamento arqueológico na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã: Estado do Amazonas. Dissertação de mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cunha, M.M.L.C. 1998. *História dos índios no Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo.
- Denevan, W.M. 1992. The pristine myth: the landscape of the Americas in 1492. *Annals of the Association of American Geographers* 82(3): 369-385.
- Denevan, W.M. 2016. After 1492: nature rebounds. *Geographical Review* 106(3): 381-398.
- Fausto, C.; Heckenberger, M. 2007. *Time and memory in Indigenous Amazonia: anthropological perspectives*. University Press of Florida, Gainesville.
- Fausto, C., Neves, E.G. 2018. Was there ever a Neolithic in the Neotropics? Plant familiarisation and biodiversity in the Amazon. *Antiquity* 92(366): 1604-1618.
- Fritz, S. 1917 [1691]. Diário. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 81: 353-398.
- Gomes, J. 2015. Cronologia e mudança cultural na RDS Amanã (Amazonas): um estudo sobre a Fase Caiambé da Tradição Borda Incisa. Dissertação de mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Harris, M. 2017. Revisiting first contacts on the Amazon 1500-1562. *Tempo* 23(3): 509-527.
- Harris, M. 2018. The making of regional systems: the Tapajós/Madeira and Trombetas/Nhamundá regions in the Lower Brazilian Amazon, seventeenth and eighteenth centuries. *Ethnohistory* 65(4): 621-645.
- Heckenberger, M. 2001. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na longue durée, 1000-2000 dC. In: Franchetto, B.; Heckenberger, M. (Orgs.). *Os povos do Alto Xingu História e Cultura*. Editora da UFRJ, Rio de Janeiro, 21-62.
- Heckenberger, M. 2005. *The ecology of power: culture, place and personhood in the southern Amazon, AD 1000-2000*. Routledge, Abingdon.
- Heckenberger, M.J.; Petersen, J.B.; Neves, E.G. 1999. Village size and permanence in Amazonia: two archaeological examples from Brazil. *Latin American Antiquity* 10(4): 353-376.
- Heckenberger, M.J.; Petersen, J.B.; Neves, E.G. 2001. Of lost civilizations and primitive tribes, Amazonia: Reply to Meggers. *Latin American Antiquity* 12(3): 328-333.
- Heckenberger, M.J. et al. 2003. Amazonia 1492: pristine forest or cultural parkland? *Science* 301(5640): 1710-1714.
- Hemming, J. 2009. *Tree of rivers: the story of the Amazon*. Thames & Hudson, London.
- Hodder, I. (Ed.). 1987. *The archaeology of contextual meanings*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Hornborg, A.; Hill, J.D. (Eds.). 2011. *Ethnicity in ancient Amazonia: reconstructing past identities from archaeology, linguistics, and ethnohistory*. University Press of Colorado, Boulder.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1981. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. IBGE, Rio de Janeiro.
- Lathrap, D.W. 1970. *The Upper Amazon. Ancient Peoples and Places*. Thames & Hudson, London.
- Lathrap, D.W. 1972. Alternative models of population movements in the tropical lowlands of South America. In: *Actas y Memorias del XXXIX Congreso Internacional de Americanistas*, 1972, Lima.
- Lévi-Strauss, C. 2010. *A oleira ciumenta*. Edições 70, Lisboa.
- Lightfoot, K.G. 1995. Culture contact studies: Redefining the relationship between prehistoric and historical archaeology. *American antiquity*, 60(2), 199-217.
- Lopes, R.A. 2018. *A Tradição Policroma da Amazônia no contexto do médio rio Solimões*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe, Aracaju.
- Meggers, B.J. 1971. *Amazonia: Man and Culture in a Counterfeit Paradise*. Aldine Atherton, Chicago.
- Meggers, B.J. 1979. Climatic oscillation as a factor in the prehistory of Amazonia. *American Antiquity* 44(2): 252-266.
- Meggers, B.J. 1992. Prehistoric population density in the Amazon Basin. In: Verano, J.W.; Ubelaker, D.H. (Eds.). *Disease and Demography in the Americas*. Smithsonian Institution Press, Washington, 197-205.
- Meggers, B.J. 2001. The continuing quest for El Dorado: round two. *Latin American Antiquity* 12(3): 304-325.
- Meggers, B.J.; Evans, C. 1957. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Smithsonian Institution Bulletin* 167: 1-664.
- Meggers, B.; Evans, C. 2013. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest Area of South America. In: Lothrop, S.K. *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Harvard University Press, Cambridge, 372-388.
- Monteiro, J.M. 1994. *Negros da terra*. Companhia das Letras, São Paulo.
- Moraes, C.P. 2013. *Amazônia ano 1000: territorialidade e conflito no tempo das chefias regionais*. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Neves, E.G. 2012. *Sob os tempos do Equinócio: oito mil anos de História na Amazônia Central (6.500 AC – 1.500 DC)*. Tese de livre-docência. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Neves, E.G.; Heckenberger, M.J. 2019. The call of the wild: rethinking food production in Ancient Amazonia. *Annual Review of Anthropology* 48: 371-388.
- Nimuendajú, C. 1953. Os Tapajó. *Revista De Antropologia* 1(1): 53-61.
- Noelli, F.S., Ferreira, L.M. 2007. A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 14(4): 1239-1264.
- Pesavento, S.J. 2003. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. *History of Education Journal* 7(14): 31-45.
- Porro, A. 1996. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. Edusp, São Paulo.
- Porro, A. 2007. *Dicionário etno-histórico da Amazônia colonial*. Edusp, São Paulo.
- Ribeiro, A.T.B. 2009. Text, Narrative, Evidence: Travel Writings and Archaeological Perspectives of Amazonia. *Archaeological review from Cambridge* 24(1): 171-185.
- Rodrigues, J.B. 1892. Antiquidades do Amazonas. *Vellozia* 2: 1-40.

- Roosevelt, A.C. 1991. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil*. Academic Press, San Diego.
- Roosevelt, A.C. 1992. Secrets of the forest: An archaeologist reappraises the past and future of Amazonia. *Sciences* 32(6): 22-28.
- Roosevelt, A.C. 1993. The rise and fall of the Amazon chiefdoms. *L'Homme* 33(126): 255-283.
- Saunaluoma, S. et al. 2020. Patterned Villagescapes and Road Networks in Ancient Southwestern Amazonia. *Latin American Antiquity* 32(1): 173-187.
- Schaan, D. 2010. Sobre os cacicados Amazônicos: sua vida breve e sua morte anunciada. *Jangwa Pana* 9(1): 45-64.
- Schaan, D.P. 2016. *Sacred geographies of ancient Amazonia: historical ecology of social complexity*. Routledge, Abingdon.
- Shanks, M. 2016. *The archaeological imagination*. Routledge, Abingdon.
- Silliman, S.W. 2012. Between the Longue Durée and the Short Purée: Postcolonial Archaeologies of Indigenous History in Colonial North America. In: Oland, M., Hart, S.; Frink, L. (Eds.). *Decolonizing indigenous histories: exploring prehistoric/colonial transitions in archaeology*. University of Arizona Press, Tucson, 113-133.
- Tamanaha, E.K. 2012. *Ocupação policroma no baixo e médio rio Solimões, estado do Amazonas*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ugarte, A.S. 2009. *Sertões de bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII)*. Valer, Manaus.
- Vázquez, F. 1881 [1562]. *Relación de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua y Dorado, hecha por el Gobernador Pedro de Orsúa*. Biblioteca Nacional de España, Madrid.
- Whitehead, N.L. 1993. Ethnic transformation and historical discontinuity in native Amazonia and Guayana, 1500-1900. *L'Homme* 33(126/128): 285-305.
- Whitehead, N.L. 1994. The ancient Amerindian polities of the Amazon, the Orinoco, and the Atlantic coast: a preliminary analysis of their passage from antiquity to extinction. In: Roosevelt, A. (Ed.). *Amazonian Indians from prehistory to the present: anthropological perspectives*. University of Arizona Press, Tucson, 33-53.
- Wilkie, L. 2006. Documentary Archaeology. In: Hicks, D.; Beaudry, M.C. (Eds.). *The Cambridge Companion to Historical Archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge, 13-33.